

222 "Juros são impagáveis"

por Claudia de Souza
de Washington

Na sala de reuniões vazia do Progressive Policy Institute, a barba por fazer e a fisionomia agitada pelos eventos do dia — que não são mais as exigências do FMI para que o Brasil negocie o pagamento aos bancos, mas a bem mais momentosa definição soviética pela economia de mercado —, Sachs não aceita mais perguntas, porque quer fazer algumas declarações sobre a dívida externa brasileira.

"O Brasil precisa evitar dar uma imagem internacional de que está segurando o pagamento dos juros como uma tática de negociação", diz, argumentando que o governo e os

negociadores brasileiros devem deixar claro que a única possibilidade à frente é a de que o País acumule atrasados, porque não tem capacidade para pagar. "O Brasil não está pagando porque não pode, não porque está num jogo com os bancos para conseguir um bom acordo", diz ele.

"Durante toda a semana foram feitas declarações que eu considero nojentas ("disgusting") de que o Brasil está agindo de má fé. Isso é falso. O País está-se defendendo e isso precisa ser explicado para o povo americano, por exemplo. Não é um jogo, mas a sobrevivência de um governo democrático e de uma economia que passou dez anos desorga-

nizada. Os bancos estão dizendo diariamente ao público norte-americano nas colunas dos jornais que o Brasil segura os pagamentos em má fé. O Brasil precisa responder", declara ele.

E o governo norte-americano? Para Sachs, a visão oficial dos Estados Unidos é, como ele diz, mista. O governo estaria exercendo pressão sobre o Brasil, porque não pode antagonizar-se com os bancos, embora nos meios oficiais exista a compreensão de que a posição de manter o fluxo de caixa do Brasil para os bancos é imediatista e não atende aos interesses nem do Brasil nem das instituições financeiras no médio e longo prazos.